

## APRESENTAÇÃO

*Leila de Menezes STEIN\**

Em novembro de 2009, o Programa de Pós-graduação organizou seminário, com a coordenação de seu Grupo Temático Trabalho e Trabalhadores<sup>1</sup>, para debater questões de pesquisa sobre o tema “Trabalho, Sindicato e Novas Estratégias”. Reuniram-se diversos pesquisadores ao longo de três dias que<sup>2</sup> apresentaram as contribuições de suas pesquisas. Nossa proposta era de disponibilizar esta produção para a comunidade acadêmica, o que agora cumprimos na organização deste dossiê “Trabalho e Sindicato”. É com satisfação que o fazemos. Não se trata de uma versão integral das diversas participações apresentadas, mas apenas daquelas que resultaram em artigos a nós enviados.

Agradecemos à coordenação do Programa de Pós-graduação em Sociologia, através de sua coordenadora Lucila Scavone, pelo apoio recebido. Agradecemos aos estudantes da Pós-graduação em Sociologia e da Graduação em Ciências Sociais que se dedicaram verdadeiramente para que o seminário fosse possível e se realizasse. Obrigada a Mariana Tonussi Milano, Guilherme Carvalho, Gêssica Trevizan Pera, Janaina Oliveira e Joyce Anselmo. Nossos agradecimentos especiais aos pesquisadores que aceitaram colaborar conosco e lançaram bases para parcerias conosco.

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – leilastein@terra.com.br

<sup>1</sup> Participaram da organização do seminário os seguintes membros do GT: a doutora Leila de Menezes Stein; os doutorandos bolsistas CAPES e Fapesp respectivamente, Guilherme de Carvalho e Mariana Tonussi Milano; a mestranda bolsista do CNPq Gêssica Trevizan Pera e as estudantes de Ciências Sociais e bolsistas do CNPq, Janaina de Oliveira e Joyce Anselmo.

<sup>2</sup> Agradecemos a participação dos seguintes pesquisadores: Armando Boito Júnior, Flavio Limonci, Francisco José da Costa Alves, Iram Jacome Rodrigues, Karina Lilia P. Mariano, Marco Lazaro Prado, Maria Aparecida Chaves Jardim, Maria Aparecida Moraes e Silva, Marcos Ferraz, Paula Marcelino, Simone Wolf e Vera Navarro.

Versa este dossiê sobre algumas consequências e efeitos hoje da globalização na vida sindical, em novas práticas e estratégias de ação adotadas. Trata do sindicato e do trabalho hoje nos Estados Unidos e Brasil.

Flavio Limonic apresenta uma retrospectiva histórica do *Union Automobile Workers – UAW* – Sindicato dos Trabalhadores em Automóveis – dos Estados Unidos, um dos sindicatos mais importantes à ordem passada do *New Deal*. Este sindicato negocia e realiza acordos trabalhistas com as empresas automobilísticas e foi um símbolo daquele modelo, sofrendo grande reversão nos anos 60 e 70. A instalação da fábrica de automóveis da Toyota no território norte americano, nos anos 70, desencadeia uma forte competição com os fabricantes nacionais, seja por produzir modelos de carros mais econômicos, seja por utilizar a produção enxuta. A resultante é uma perda de mercado pelas produtoras americanas, dadas as qualidades do produto japonês e dos custos mais baixos da produção. No ano de 2009 os três principais fabricantes americanos perdem mercado e passam a contabilizar apenas 45 % das vendas de automóveis no país. Viu-se a UAW- Cio envolta no dilema de como prosseguir a representação dos trabalhadores num quadro de produção declinante e depressão sobre os gastos sociais como seguros sociais, entre outros. Também depressiva seria a adoção de medidas repressivas sobre os sindicatos nos anos 1980. De todo modo, a produção flexível não tem afinidades com crescimentos da demanda em termos nacionais, mas sim em termos globais, o que situa uma desvalorização do sindicato enquanto distribuição de renda e ator político.

Se o UAW-CIO encontra-se hoje numa encruzilhada e busca novos caminhos, está entre suas estratégias passar a ocupar um espaço na gestão dos fundos de pensões privados. Esta questão é tratada também aqui por Maria Chaves Jardim que estuda as propostas de gestão dos fundos privados de pensões na perspectiva e práticas dos dirigentes das principais centrais sindicais no Brasil. Compara estas propostas àquelas de outras centrais, entre as quais as francesas, as canadenses e as norte-americanas. Conforme sua pesquisa aponta, ocorre hoje profunda mudança cognitiva no pensamento sindical no mundo globalizado. Este novo pensamento sindical passa a acolher a gestão dos fundos privados de pensão dos trabalhadores enquanto uma nova tarefa para a representação sindical. Reivindicam a vinculação da representação trabalhista à responsabilidade financeira que pudesse permitir a defesa de uma poupança pelo trabalho. Finalmente, ainda conforme Maria Chaves Jardim, no Brasil apenas uma central sindical questiona esta visão estratégica dos fundos. Para a Coordenação Nacional de Lutas – CONLUTAS – a adoção pelo sindicato de gerência de fundos de pensão resultaria em efeitos exploradores sobre o conjunto dos trabalhadores e não deveria ser implementada.

A temática do sindicato e da representação nos anos 90 é também tratada por Karina Mariano e Leila Zidan. Têm como pressuposto a crise do estado e

o deslocamento de suas funções reguladoras sobre a produção, para assumirem funções mais supervisoras dada a redução na esfera de gestão sobre a economia. Ponderam a vigência de novas regras e condições de competição no mercado internacional, com a ocorrência de muitas concentrações e deslocamentos das grandes multinacionais para regiões das economias emergentes. Neste quadro despontam estratégias sindicais de coexistência com as novas regras globais. Muitas iniciativas sindicais buscam inseri-lo no processo de globalização, aceitando seus efeitos e objetivando transnacionalizar suas próprias ações. Novas ações que enfatizam a necessidade de acesso ao conhecimento e à informação, seja via acompanhamento das ações das Comissões de Prevenção aos Acidentes – CIPAS – seja pelo adequado cumprimento e execução dos Planos de Participação nos Lucros e Resultados – PLR, seja pelo cumprimento dos acordos e conciliação prévios. Outra estratégia estudada reside na formação de redes de sindicatos por empresa que possam ir mais além do modelo corporativo brasileiro e formar conexões de sindicatos. Redes pela Internet e formação de comitês sindicais nacionais para atuarem dentro das empresas multinacionais. Propõem, ainda, o acionamento dos consumidores para iniciar regulações e defesa dos padrões humanitários para o tratamento ao trabalho, conforme orientações da Organização das Nações Unidas – ONU.

Paula Marcelino e Armando Boito Júnior focam também em seu artigo uma retrospectiva das respostas sindicais diante da vigência das condições da produção flexível e suas características deletérias e desumanizadoras sobre o trabalho. Historiam iniciativas de organizar os trabalhadores terceirizados. Partem de duas perspectivas para compreensão, impasses e limites intervenientes nas lutas sindicais hoje: 1) os problemas colocados pela estrutura sindical corporativa gerida pelo estado brasileiro; 2) os efeitos heterogenizadores da terceirização sobre o perfil do trabalho. Para tanto, estudam o caso de dois sindicatos de trabalhadores na região de Campinas em São Paulo, a saber o Sindicato da Construção Civil e o Sindicato dos Comerciários que incluem em suas táticas a representação dos trabalhadores das empresas terceirizadas. Após historiar esta prática sindical concluem que estes trabalhadores também se envolvem em lutas pela defesa de maiores salários, aderem às greves e ao movimento, participando de suas assembleias.

Uma outra conclusão ainda a se destacar relaciona-se aos efeitos deletérios das imposições de uma lei de organização sindical por categoria. Esta divisão reafirma sentimentos corporativos que podem acirrar a divisão já presente nos contratos de trabalho entre terceirizados e não terceirizados. O que leva Paula Marcelino e Armando Boito Júnior a afirmar que a estrutura sindical corporativa cria impedimentos para o ingresso deste novo segmento de trabalhadores à luta sindical organizada.

Finalmente, Marco Lazaro Prado estuda o desempenho do setor sucroalcooleiro na condução de sua contemporânea reestruturação produtiva, com a automação de diversas tarefas de trabalho e introdução de mudanças organizacionais. Reestruturada a partir dos *diktats* da nova economia e da produção enxuta, a resultante principal seria a eliminação de milhares de postos de trabalho, de modo especial em sua atividade rural com a redução do contingente de cortadores de cana. Retrata um conjunto de mudanças e de novas exigências colocadas para o trabalho, entre elas a necessidade inédita de qualificações e de formação educacional de ensino médio. Recruta-se um trabalhador polivalente e apto a responder às novas necessidades colocadas pela adesão das empresas às inúmeras certificações, sem as quais o produto não tem entrada no mercado internacional, via obtenção das ISO. De todo modo, modernas técnicas de envolvimento e de busca de participação são estendidas aos trabalhadores, via práticas de ginásticas laborais, reuniões de equipes, programas de qualificação, entre outros. Aderem ao sistema dos Planos de Participação nos Lucros e Resultados – PRL – e Banco de Horas. Conclui o autor destacando que a precarização do trabalho ocorre, de modo especial, pelo acúmulo de funções sobre os trabalhadores, obrigados que são a desdobrarem-se entre inúmeras tarefas, a praticar extensões em seus horários de trabalho e, muitas vezes, terem como contrapartida de horas extras trabalhadas apenas cotas de horas de descanso.